
Notas comparativas sobre o desenvolvimento de duas tradições sociológicas nacionais¹

Natalia Romanovski²

Resumo: Esse trabalho tem o objetivo de delinear algumas características da sociologia alemã da década de 1920 através de uma perspectiva comparativa que contrastará o sucesso da sociologia alemã com o fracasso da sociologia britânica. Utilizaremos para tanto as explicações e as categorias explicativas expostas no artigo *Why do disciplines fail? The strange case of British sociology*, de Reba N. Soffer (1982). Pretende-se aqui explorar de forma mais apurada a comparação proposta pela autora entre a sociologia britânica entre sua fundação em 1903 e a década de 1950 e a sociologia alemã, mais especificamente da década de 1920, que possui algumas características diferenciadas da geração dos pioneiros, mais utilizada pela autora como base de sua comparação.

Palavras-chave: Sociologia alemã, Sociologia britânica, História da sociologia.

Comparative notes on the development of two national sociological traditions

Abstract: This paper intends to show a few characteristics of the German sociology of the 1920s, through a comparative perspective that will contrast the success of German sociology and the failure of British sociology. For that, we will use the explanations and explanatory categories exposed in the paper *Why do disciplines fail? The strange case of British sociology*, by Reba N. Soffer (1982). We will explore the comparison intended by the author between the British sociology between its foundation in 1903 and the 1950s and the German sociology of the 1920s, which has a different character from the generation of the sociology's pioneers, used by Soffer as basis of her comparison.

Keywords: German sociology, British sociology, History of Sociology

¹  Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

² Mestre em Sociologia, com foco na área de Sociologia da Cultura na Universidade de São Paulo. Agências de fomento: CNPq, Departamento de Sociologia FFLCH-USP. E-mail: sweet.virginia1972@gmail.com

Situação institucional

Segundo Soffer, a história das ciências sociais está relacionada às possibilidades sociais de constituição das disciplinas. Se isso é verdade para qualquer modo de conhecimento institucionalizado e reconhecido como explicação legítima da realidade, as estruturas teóricas e problemas explicativos nas ciências sociais inevitavelmente carregam a marca da própria sociedade que os gerou. Isso é válido tanto em termos das condições objetivas das quais essa institucionalização tira suas possibilidades de realização efetiva quanto dos quadros teóricos e empíricos que são gerados nessas disciplinas. Desse ponto de vista, a autora afirma que a história da sociologia britânica na primeira metade do século XX contrasta acentuadamente com a história da sociologia nos Estados Unidos e no continente. Apesar do pioneirismo de Herbert Spencer no século XIX, a autora aponta que seus esforços em direção ao pensamento sociológico foram feitos em isolamento. Isso se refletiu no seu posicionamento teórico, que acabou por se focar nos limites dos sistemas explanatórios compreensivos mais do que nas questões sobre estrutura e função social.

A situação nas ilhas britânicas parecia ter se transformado com a fundação da *Sociological Society*, em 1903, a qual tinha o objetivo de reunir todos aqueles que estudavam os fenômenos sociais. Seu início foi promissor, atraindo a atenção do público e reunindo uma diversidade de intelectuais. Porém, esse empolgamento inicial não se traduziu em reconhecimento acadêmico, e do início do declínio da *Sociological Society* em 1907 (apenas quatro anos depois de sua fundação) até o *revival* da sociologia na década de 1950, no Reino Unido, não havia cursos acadêmicos, associações profissionais, periódicos influentes e não havia sociólogos. A única exceção a esse quadro era a cátedra de sociologia Martin White, criada em 1906 na *London School of Economics*.

A discrepância entre a situação britânica e a situação nos Estados Unidos e no continente é clara. O período em que a sociologia representou um papel ínfimo no Reino Unido foi o período em que a disciplina foi fundada e instituída com grande força e reconhecimento em países como a Alemanha. Nesse país, já em 1872 foi fundada a *Verein für Sozialpolitik*, na qual professores e funcionários públicos [*Staatsbeamte*] motivados no sentido da reforma política pretendiam investigar empiricamente questões sociais. Entre seus fundadores, estavam Gustav Schmoller e Adolf Wagner, que foram influentes na formação da primeira geração de sociólogos, nascida na década de 1860 e que incluiu Georg Simmel, Werner Sombart, os irmãos Weber, Franz Oppenheimer e Alfred Vierkandt, entre outros. Mesmo que ainda não houvesse nesse período a institucionalização acadêmica da sociologia,

esses pioneiros conseguiram se inserir em meios acadêmicos em outras disciplinas já institucionalizadas e a partir destas posições conseguiram inserir a Sociologia nos debates acadêmicos (WOLLMANN, 2010)³. A situação desses pioneiros, portanto, contrasta acentuadamente com o isolamento de Spencer na Inglaterra.

Apesar da influência considerável da *Verein für Sozialpolitik* até a virada do século, em 1909 houve a fundação de uma instituição ainda mais importante para a consolidação da sociologia: a *Deutsche Gesellschaft für Soziologie* (DGS), que se diferia pela tentativa de superação da tensão existente na *Verein* entre a práxis normativa da intervenção social e a cientificidade metodológica pura (WOLLMANN, 2010). A partir de então, houve um reforço à institucionalização da sociologia e mesmo ainda sem cadeiras de sociologia, já antes da primeira guerra vários dos pioneiros estavam lecionando temas sociológicos nas universidades. A sociologia já havia produzido pelo menos uma figura de visibilidade nacional e internacional, Georg Simmel.

O período entre 1918 e 1933 presenciou uma forte institucionalização da disciplina. Cadeiras que incluíam a designação de “sociologia” começaram a ser fundadas. Correlato a esse aumento, houve a regionalização da produção sociológica, a partir das universidades que absorveram o pensamento sociológico e promoveram a inclusão dos pioneiros e da nova geração de sociólogos que surgiu no entre-guerras. Entre esses centros, contavam-se Heidelberg, Berlim, Colônia, Münster, Leipzig, Hamburgo e Frankfurt e Main (STÖLTING, 1986).

Ao contrastar essa situação com a britânica, Soffer aponta que essa multiplicação de centros é um dos fatores institucionais que proporcionaram o sucesso da sociologia no continente e decretaram seu fracasso no Reino Unido. Por um lado, o reforço institucional representa o reconhecimento público da disciplina com relação a especificidade do seu campo, ou seja, na Alemanha, bem como na França e nos Estados Unidos, instituições como a *Verein für Sozialpolitik* e a *Deutsche Gesellschaft für Soziologie* conseguiram estabelecer a sociologia como um campo de saber diferenciado, juntamente com a expressividade de líderes e figuras que se tornaram publicamente influentes. Como apontou Stölting (1986), esse é um elemento importante, uma vez que a sociologia no tempo da República de Weimar não tinha o monopólio dos discursos sobre o a sociedade. Assim, a institucionalização pode ser

³ Wollmann (2010) aponta as dificuldades enfrentadas por essa geração para sua inserção nas universidades. Essas dificuldades passavam pelo próprio sistema universitário alemão, mas também haviam questões políticas e étnicas que afetaram as carreiras de diversos sociólogos. Por exemplo, a militância socialista de Werner Sombart e Franz Oppenheimer – esse último agravado pela sua ascendência judia.

entendida como expressão do sucesso da primeira geração em estabelecer a disciplina.⁴

Por outro lado, a descentralização da produção acadêmica promove a competição, que encoraja a inovação e especializações que prometem distinção acadêmica (SOFFER, 1982). Dessa forma, se a institucionalização é parte dos marcos objetivos da formação de novas disciplinas, as disputas internas desse campo em formação geram um ambiente fecundo para a interpretação dos fenômenos sociais, à medida que as contribuições e desafios lançados por novas análises e diferentes referências conceituais renovam o quadro de discussão dos problemas teóricos e de objetos de uma disciplina.

Que esta era a situação da Alemanha na década de 1920 pode ser depreendido da exposição de Oppenheimer sobre o período, *Tendencies in recent German sociology* (1932), que mostra que havia uma competição que se traduzia em oposições teóricas, influências intelectuais, e que se reflete também no alto grau do criticismo que Oppenheimer revela com relação a seus colegas: ele criticou aí o sincretismo teórico de Max Scheler, fez a denúncia de que a teoria de Alfred Weber já estava contida em sua totalidade no pensamento hegeliano – apesar das afirmações em contrário do próprio Weber, entre outros exemplos.

Essa exposição também é reveladora da expressão internacional da sociologia alemã da época. Foi publicado na *Sociological Review*, o periódico da *Sociological Society*, e refere-se a uma palestra dada por Oppenheimer em 1928 na *London School of Economics*. O texto foi editado pelo professor Morris Ginsberg, sucessor do primeiro ocupante da cadeira de sociologia na LSE, Leonard Trelawney Hobhouse. Segundo Soffer, Ginsberg promoveu a continuação da sociologia de Hobhouse, surgida primariamente da teoria spenceriana. A falta de competição acadêmica proporcionada pela existência de uma única cátedra de sociologia no Reino Unido significou uma continuidade no pensamento sociológico britânico, que é considerado por Soffer uma das causas da fraqueza da disciplina. Isso é o contrário do que aconteceu na Alemanha nos anos 1920, em que a transição para a nova geração se fez também através de uma crítica aos pioneiros. Isso fica claro em estudos como o de Alfred Schütz (1984), que estabeleceu as bases epistemológicas de sua sociologia a partir dos buracos deixados por Max Weber na sua definição de ação social e na questão weberiana da possibilidade de acesso objetivo a ela.

Outro caso de crítica aos pioneiros pode ser exemplificado por Hans Freyer (1944), que procedeu a uma avaliação das contribuições da primeira geração de sociólogos alemães.

⁴ Segundo Lichtblau (2009), ainda que para Sombart e Max Weber a preocupação com o estabelecimento da sociologia como uma disciplina diferenciada (em oposição inicial com a economia – *Nationalökonomie* - de suas formações iniciais) tenha aparecido somente mais tarde em suas carreiras.

Se ele não deixa de reconhecer sua importância, por outro lado também critica as perspectivas teóricas anteriores quando, por exemplo, se refere ao conceito simmeliano de sociologia como ciência das formas sociais enquanto uma direção equivocada para a disciplina, pela analogia com a Geometria. Para Freyer, o conceito de formas sociais enquanto puras e imutáveis causaria uma des-historicização da realidade social no âmbito da teoria, o que contradiz a sua proposta de fazer da sociologia uma ciência que trata da realidade, entendida enquanto uma estrutura de atitudes sociais, mais do que de formações sociais.

Embora Soffer não negue a importância dos processos de institucionalização e do papel das instituições na criação de ambientes intelectuais propícios à discussão e ao fortalecimento da disciplina, ela critica as análises que atribuem o sucesso das disciplinas exclusivamente à questão institucional. Segundo a autora,

Personalidades carismáticas, a atividade energética de um grupo de crentes e a receptividade de instituições eram fatores necessários no estabelecimento da sociologia como profissão. Mas a sobrevivência da profissão nos Estados Unidos, na França e na Alemanha dependeu não tanto da organização quanto da capacidade dos sociólogos de esclarecer e explicar as anomalias sociais deixadas pela erosão das crenças e relações tradicionais do século XIX. A sociologia se tornou uma disciplina autônoma, reivindicando como seu campo o estudo da sociedade, apenas onde fornecia uma crítica social incisiva (SOFFER, 1982, p.767).

Portanto, a autora procura ir além da explicação institucional e se coloca a pergunta: quais são as bases do apoio institucional recebido pela sociologia, que ocorreu nos Estados Unidos e no continente? Por que não houve apoio institucional nos outros países e no Reino Unido? Para Soffer, a resposta está no poder explicativo da teoria sociológica, e é aí que reside a chave para o entendimento do fracasso do Reino Unido neste âmbito.

Perspectivas teóricas no Reino Unido e na Alemanha

Para Soffer, o grande problema do Reino Unido era, mais do que a falta de proteção institucional, a falta de ideias viáveis. No entanto, isso não significa que as ideias acerca da sociologia devessem constituir um *corpus* único. Ao contrário, o que caracterizou a teoria sociológica nos países em que a sociologia foi bem-sucedida foi a disputa pelas definições, conceitos, metodologias e fronteiras da disciplina. A sociologia alemã da década de 1920 pode ser considerada um caso extremo, sendo caracterizada por uma falta de unidade teórica e metodológica quase completa. O que havia era uma noção mais ou menos clara da especificidade da disciplina, que não se confundia com as outras disciplinas que disputavam

os discursos sobre o mesmo tema. Isso pode ser verificado na distância que autores como Freyer ou Mannheim procuram manter das disciplinas que lhes sucederam na Alemanha. Freyer (1944), por exemplo, faz uma extensa crítica e procura se diferenciar das ciências que chama de ciências do Logos, as quais consideram a realidade como a objetivação de um espírito subjacente formado por conexões de sentido lógico, que determinaria o sentido histórico geral. A tarefa da sociologia seria inverter o sentido dessa argumentação e procurar na própria realidade histórica a formação do sentido e do mundo espiritual.

Em outro registro, também se pode pensar na argumentação de Mannheim, o qual, preocupado com um fenômeno considerado tipicamente “espiritual” – o conhecimento – não obstante distancia sua investigação dos ramos da filosofia como a epistemologia, que também tratam desse objeto. Assim, na sua investigação sobre a ideologia, Mannheim diz que

A concepção total geral não-avaliativa da ideologia deve ser encontrada principalmente naquelas investigações históricas, nas quais, provisoriamente e em prol da simplificação do problema, nenhum julgamento é pronunciado quanto à exatidão das idéias a serem tratadas. Essa abordagem limita-se a descobrir as relações entre certas estruturas mentais e as situações de vida nas quais elas existem (MANNHEIM, 1954, p. 71).

O autor procura se distanciar dos métodos filosóficos e epistemológicos. Sua questão não se confunde com a questão filosófica – à qual não nega importância –, mas o problema sociológico não é a natureza do conhecimento em si ou a sua validade lógica, e sim suas origens sociais. Nesse ponto, sua argumentação concorda com a de Freyer: a filosofia, epistemologia e as Ciências do Logos em geral não fornecem um modelo válido para a sociologia.

A situação não foi a mesma no Reino Unido. Segundo Soffer, a sociologia britânica foi fundada tomando modelos naturalistas que tinham sua origem na biologia. Como exposto anteriormente, a *Sociological Society* reuniu intelectuais de diversas formações que estudavam os fenômenos sociais, ou seja, era caracterizada por uma diversidade de perspectivas. Mas o único ponto em que concordavam era que o campo particular da sociologia devia ser devotado ao estudo da evolução social. Depois de alguns anos de atuação, a *Sociological Society* acabou se fragmentando em grupos que lidavam com psicologia social, moralidade pública [*public morality*], biometria e eugenia. Todas as perspectivas estavam fundadas na aceitação de um esquema evolucionário que levaria a reformas sociais que esses grupos consideravam inevitáveis. Portanto, suas perspectivas teóricas estavam fundadas na crença na harmonia social, utilizando evidências da notável melhoria na qualidade de vida.

A única cátedra de sociologia do Reino Unido também seguia essa tendência. O ensino de sociologia começou a ser ministrado na *London School of Economics* por três pessoas: Edward Westermarck, que usava métodos comparativos para provar a crença no progresso ético individual; o etnólogo A.C. Haddon, que acabou participando da empreitada bem-sucedida do estabelecimento da antropologia no Reino Unido; e L. T. Hobhouse, cuja teoria social partiu de suas dificuldades morais e políticas com a teoria social de Spencer. Hobhouse, que para Soffer é o principal culpado pela derrocada da sociologia no Reino Unido, em vez de estabelecer limites claros para a sociologia, sustentava que ela deveria incluir toda a ciência social, ser uma síntese dos estudos sociais. Ele também compartilhava da fé na existência futura da convivência harmoniosa entre pessoas, grupos e o estado. Mesmo depois da Primeira Guerra Mundial, ele continuou vendo evidências da convergência entre sua visão de uma sociedade harmoniosa e a sociedade perturbada ao seu redor. Na LSE essa perspectiva continuou ascendente mesmo depois de 1930, com sua saída da cátedra e sua substituição por seu discípulo Morris Ginsberg. Apesar de estar ciente do aumento dos conflitos sociais, Ginsberg encontrava na história humana evidências de que o princípio cooperativo supera o princípio de conflito – e continuou encontrando nos 24 anos em que lecionou na LSE. Em vista desses fatos, Soffer argumenta que:

Enquanto sociólogos continentais e americanos desenvolviam um aparato teórico para estudar a alienação individual, as mudanças na estrutura familiar, o efeito manipulador da nova imprensa e os crescentes confrontos entre interesses sociais e econômicos, os sociólogos britânicos trataram essas tendências significativas e suas consequências como aberrações transitórias. A sociologia britânica, nas quatro décadas que antecederam a Segunda Guerra Mundial, nunca tentou entender, e muito menos explicar, por que havia conflitos sociais crescentes em bairros, fábricas, escolas ou famílias, caracterizados por uma colisão de direitos complexos, mutáveis e frequentemente irreconciliáveis (SOFFER, 1982, p. 788).

A teoria social britânica do período se mostrava incompatível com a realidade. Fornecia explicações não suficientes ou mesmo implausíveis, com as quais a sociedade não podia contar. Essa visão otimista também difere do conteúdo da sociologia alemã tanto da primeira geração, que procurou investigar os efeitos disruptivos do capitalismo sobre as relações sociais, quanto da produção da década de 1920. Após a primeira guerra mundial, as questões levantadas pela própria guerra, pela dinâmica do capitalismo, pelo crescimento da adesão ao nacional-socialismo, ou seja, pela crise que era percebida pelos sociólogos – e pela sociedade alemã – tornou-se um importante *Leitmotiv* para os sociólogos.

Mannheim chega mesmo a atribuir o sucesso da sociologia alemã do entre-guerras a essa percepção da crise. Em 1934, numa retrospectiva sobre a sociologia da República de

Weimar, ele declarou que:

Se me pedissem para resumir em uma frase o significado da sociologia alemã desde 1918, eu diria: *A sociologia alemã é o produto de uma das maiores dissoluções e reorganizações sociais, acompanhada pela mais alta forma de autoconsciência e autocrítica* (MANNHEIM, 1953, p. 210, grifos no original).

Para Mannheim, a crise é definida como um período de dissolução social. No entanto, o processo de crise não tem somente um aspecto negativo: é também um período de reorganização que põe à prova os valores da sociedade estável que a precedeu, ou seja, existe um elemento de dinamismo na crise. Esse elemento não é condição suficiente para o estabelecimento da ciência sociológica, que só poderia ser desenvolvida através de um “treinamento mental”. Esse treinamento mental, segundo Mannheim, envolveria uma alta capacidade de escrutínio objetivo, juntamente a um alto nível de consciência de si para a expressão, compreensão e interpretação das experiências em pauta. Esse treinamento passaria pelos marcos estabelecidos pelos pioneiros da disciplina, bem como de outros pensadores sociais; e talvez seja a falta desse “treinamento mental” representado pelas gerações anteriores o ponto fundamental do fracasso da sociologia britânica, mesmo frente à crise. Para Mannheim, dessa combinação de fatores na Alemanha, o dinamismo da crise pôde trazer para a sociologia uma percepção apurada da variabilidade e interdependência de cada fator social numa dada totalidade social. Essa percepção só poderia ser desenvolvida num momento de crise, pois em situações de estabilidade social, os indivíduos tendem a perceber os domínios sociais como separados e independentes uns dos outros.

Essa ideia foi muito prolífica para Mannheim, que baseou sua teoria sociológica do conhecimento na ideia de que a esfera espiritual é condicionada pela posição social, e portanto todo valor é função da situação concreta a qual está relacionado. Portanto, ele defendeu a teoria da determinação social do pensamento real, o que teria grandes implicações em um tempo de crise, onde os intercâmbios intelectuais são marcados pela heterogeneidade de grupos participantes e, portanto, de concepções e conhecimentos reais (MANNHEIM, 1950).

É interessante perceber como essa teoria previne exatamente o que Soffer apontou como um dos grandes problemas da sociologia britânica, que foi a naturalização de valores éticos e morais e, principalmente, da noção de progresso. Na sociologia britânica, essas questões foram dadas como certa, perspectiva que nunca poderia ser compartilhada pela teoria do conhecimento de Mannheim, já que também os valores tidos como princípios da melhoria da sociedade teriam uma origem social determinada (MANNHEIM, 1950). O princípio

epistemológico mannheimiano tem embutido em si um alto princípio de reflexividade que é um dos componentes de seu sucesso (LICHTBLAU, 2009).

Como aponta Soffer, a noção de crise também levou a uma investigação dos processos sociais que acompanhavam o desenvolvimento do capitalismo. Essa já era uma preocupação dos pioneiros da sociologia, e se constituiu numa tendência que foi reforçada nos anos de 1920. Uma série de trabalhos devotados ao tema se fez presente tanto na academia quanto fora dela, e as influências e estilos em que foram concebidos são um reflexo da diversidade de perspectivas que floresceram sobre o tema.

Nesse registro tem-se a posição de Werner Sombart (1946), que devotou vários anos de sua vida à construção de uma obra monumental que procurou compreender o desenvolvimento capitalista desde os seus primórdios. Na sua palestra na LSE, Oppenheimer comenta o esforço de Sombart em reunir e sistematizar a produção sociológica sobre o capitalismo, cuja publicação se iniciou em 1902 e foi concluída em 1927⁵. Sombart mostrou-se preocupado em caracterizar a especificidade do capitalismo, que para ele estava na espiritualização da empresa capitalista, ou seja, a crescente transformação do aspecto pessoal e individual das relações de trabalho em direção à uma abstração dessas relações, de forma que na empresa capitalista os seres humanos são reduzidos à sua condição de trabalhadores. Isso, para Sombart, é o princípio estruturador da empresa capitalista e se reflete em todas as dimensões, da relação entre os trabalhadores até a organização geral da empresa.

Portanto, Sombart pretendeu não apenas compilar o conhecimento acerca do capitalismo, mas também oferecer uma explicação compreensiva a um fenômeno que representava a realidade social e econômica do mundo ocidental como um todo, já que para o autor o capitalismo não era um fenômeno que se reduzia aos limites políticos das nações. Essa perspectiva também se refletiu na recepção internacional de sua obra (OPPENHEIMER, 1932; NOGUEIRA, 2004).

Sombart dedicou o último capítulo de *O Capitalismo Moderno* a uma discussão sobre “a vida econômica do futuro”, embora se mostre receoso acerca da possibilidade em se fazer previsões. Tem-se aí uma evidência importante da influência do pensamento marxista na sua preocupação com a economia planificada e com o problema, que foi apontado apenas brevemente por ele, da economia planificada e da diferença entre os sistemas capitalista e socialista. Isso mostra que o autor não ignorava os problemas mais atuais de seu tempo, e que

⁵ Não se pode ignorar o fato de que vários dos sociólogos da primeira geração, como Sombart, estavam em atividade na década de 1920. Isso mostra uma sobreposição de gerações na sociologia do período, o que coloca a questão de a sociologia da década de 1920 representar ruptura e recomeço radical, mas também continuidade com relação à geração anterior (LICHTBLAU, 2009).

um deles era o dever histórico que não ignorava o pensamento político marxista – que inclusive foi uma influência no começo de sua carreira intelectual, quando se aproximou da militância socialista (NOGUEIRA, 2004). Mas, para além do problema histórico, Sombart (1946) também não ignorou a teoria marxista como uma das maiores investigações acerca do seu tema e a incorporou ainda que com muitas restrições.

A apropriação crítica do pensamento marxista pela academia é uma das características que marcaram a sociologia alemã da década de 1920. É nesse registro que podemos entender a declaração de Freyer (1944), que interpreta o materialismo como o passo fundamental para a formação da sociologia, ciência que haveria necessariamente de dar conta da realidade, e não de categorias abstratas as quais não estão fundadas no domínio do real como as interpretações do pensamento social anterior ao marxismo propunham. Essa influência também foi explicitada por Mannheim em 1934 (1953). Segundo o autor, os debates marxistas não eram ignorados já na produção dos pioneiros, pois o ambiente intelectual e político da Alemanha da segunda metade do século XIX não pode ser pensado sem esse diálogo com o marxismo, mas a introdução de Marx na universidade só ocorre na década de 1920.

A própria obra de Mannheim é característica dessa influência. Os dois fenômenos investigados por ele em um dos seus trabalhos mais influentes, *Ideologia e Utopia* (MANNHEIM, 1950; 1954), devem diretamente a Marx tanto no sentido sombartiano quanto no sentido de Freyer. Enquanto a noção de ideologia é tratada como categoria investigativa – e isso Mannheim deve claramente à Marx – a noção de utopia é tratada enquanto uma categoria descritiva. Por outro ângulo, pode-se considerar que em um caso Mannheim investiga a natureza de um conceito de origem marxista enquanto conceito científico, já que mesmo apesar das alterações com relação à concepção marxiana, “ideologia” continua sendo uma categoria científica-interpretativa. Já na sua investigação da utopia ele trabalha com o marxismo em sua dimensão política, ou seja, enquanto objeto de estudo. Portanto, temos nesse caso uma dupla influência marxista, que leva em conta tanto as categorias epistemológicas do pensamento marxista quanto a característica histórica do marxismo enquanto utopia política.

Vemos assim que em todos esses casos existe uma preocupação com a situação atual, com a crise vivida na década de 1920 e com os múltiplos fatores que as determinavam. Soffer argumenta que essa preocupação com o diagnóstico da própria época, e com a capacidade de se fazer teorias satisfatórias, cujo potencial explicativo tivesse amplo alcance social, foi um dos principais fatores que levaram ao sucesso das sociologias americana e continental. Para Soffer, quaisquer esforços de institucionalização dependiam de um público receptivo à teoria

sociológica, portanto a sociologia necessitava para se firmar enquanto um campo de produção específico de uma teoria que pudesse explicar a realidade – e também intervir nela. Portanto, não houve institucionalização e afirmação da sociologia inglesa, bem como demanda por sociólogos, porque ela não explicava satisfatoriamente a sociedade à sua volta. Na sociologia alemã da década de 1920, mesmo que não houvesse unidade teórica ou de propósitos, colocar a crise atual como um dos temas ou motivos aos quais a produção sociológica estava ligada ampliava o escopo dessa produção, que não se restringia ao âmbito acadêmico. Segundo Lichtblau (2009), “naquele momento, a sociologia parecia ser aos olhos de muitos a disciplina provavelmente mais adequada, se não para resolver a crise fundamental da época, pelo menos para expressá-la”.

Nesse sentido, podemos comentar uma das dimensões da amplificação social da sociologia na república de Weimar, que foge bastante ao âmbito acadêmico e por isso mesmo nos parece significativa quando se pensa na construção de um público para a nova disciplina. É o caso representado pelo texto de Siegfried Kracauer (1998), *Die Angestellten*, o qual foi publicado originalmente no *feuilleton* (a seção cultural) do *Frankfurter Zeitung*, em dezembro de 1929. Nesse texto, Kracauer publica os resultados de uma investigação entre os empregados assalariados que realizou entre abril e julho do mesmo ano. Essa investigação teve um caráter eminentemente etnológico, com a ida de Kracauer a campo e a tentativa de apreender as diversas facetas da vida dos empregados assalariados. A discussão sobre o capitalismo e seus efeitos devastadores está presente no próprio pessimismo com o qual trata seu objeto, cuja situação atual é caracterizada pela contradição entre uma crescente proletarização desse estrato social, definido pela contraposição ao proletariado, mas que, ao mesmo tempo, almeja ideais burgueses. Existe também um esforço compreensivo de Kracauer de examinar não somente o aspecto econômico, mas também as formas de sociabilidade, lazer e cultura desse estrato. Ele demonstrou como a contradição da situação social dos empregados se refletia no domínio cultural e espiritual, criticamente analisado por Kracauer como expressão de que esse estrato estaria “espiritualmente desabrigado”, como se podia ver em suas expressões como o consumo de produtos da indústria cultural e seus hábitos de lazer (KRACAUER, 1998, p. 88).

Portanto, nesse estudo Kracauer se propõe uma investigação com um objetivo compreensivo com relação à crise de seus tempos (no que é significativo que o subtítulo de seu livro seja “*aus dem neuesten Deutschland*”), no que ela afeta especialmente um dos estratos da sociedade alemã. Nisso, deve à sua formação em sociologia: pode-se, no ensaio, perceber a influência da ideia weberiana de desencantamento do mundo e também muito

fortemente a influência de Simmel. O meio em que essas influências e o pensamento sociológico subjacente à empreitada de Kracauer mostra como existia um público bastante extenso aberto às explicações sociológicas sobre o mundo social⁶. Sob a influência de Kracauer e de Benno Reifenberg, editor do *feuilleton*, o *Frankfurter Zeitung* abriu espaço para autores que se engajaram em uma teoria crítica da modernidade (MÜLDER-BACH, 1998). Desta forma, podemos ver que existia uma demanda social ampla pela explicação sociológica do mundo social, que se estendia para além dos limites da academia, e a atuação de Kracauer no *Frankfurter Zeitung* pode ser vista como a aceitação do ponto de vista sociológico como um dos discursos efetivos na interpretação da situação crítica vivida na Alemanha da década de 1920.

Considerações finais

A análise de Soffer parte do princípio de que o estabelecimento da sociologia é um fenômeno que depende de muitos fatores. Num papel central, está a força das teorias e explicações que a sociologia foi capaz de fazer no tocante à explicação do mundo social. Dessa forma, ela explicita o absurdo das teorias sociológicas evolucionistas que chegavam a negar ativamente a experiência diária dos britânicos, em nome de um progresso e de uma moralidade que não se mostravam na situação histórica vivida na Europa do entre guerras.

Já a sociologia alemã, desde seu início, se posicionou de forma radicalmente contrária a esse ponto de vista. Mannheim em 1934 chegou a reconhecer a diferença. Ele atribui a especificidade da sociologia inglesa ao fato de que “o problema das classes, que dominou [...] a sociedade alemã em tempos de crise, não ficou em primeiro lugar na sociologia inglesa” (MANNHEIM, 1953, p. 227). Assim, Mannheim vê a sociologia inglesa como fruto de um desenvolvimento tradicional, sem grandes rupturas, quase o oposto do desenvolvimento da Alemanha. Soffer discordaria de Mannheim: embora as histórias nacionais tenham suas especificidades, a sociologia britânica, segundo ela, foi ativa em ignorar os desenvolvimentos reais da sociedade em que se inseria, e isso causou uma fraqueza explicativa que foi sua desgraça.

A sociologia alemã da década de 1920 estava preocupada em caracterizar e explicar a condição atual, o que acabou se desenvolvendo na forma de uma vocação da sociologia do período para o diagnóstico de época. Como colocou Sombart, em 1934, não havia uma

⁶Mülder-Bach (1998) cita também a grande repercussão que o texto de Kracauer teve entre os leitores do *Frankfurter Zeitung*.

Sociologia, mas sim muitos sociólogos, frequentemente vindos de áreas muito diferentes e com interesses específicos (apud WOLLMANN, 2010). Mas o simples fato de que os desenvolvimentos históricos e sociais do momento não eram ignorados, e sim tematizados pelas teorias e estudos, tornou possível que a sociologia fosse um campo de saber significativo para além das universidades onde ela foi institucionalizada, a partir da renovação das políticas para o ensino superior na República de Weimar (WOLLMANN, 2010).

O caso dessas duas tradições sociológicas pode ser encarado de muitas formas. Existe o interesse reflexivo que a sociologia tem por sua própria história, pelo qual se podem encarar esses momentos e suas tradições como parte da história da disciplina. Segundo essa perspectiva, contar essa história é também entender qual foi o desenrolar de eventos muito maiores, de natureza política, nacional, econômica, que mudaram os destinos das políticas universitárias e dos próprios sociólogos. Considerada desse ponto de vista, na história da sociologia foi principalmente considerada a história da sua institucionalização. No entanto, o esforço de alguns pesquisadores como Soffer (1982) ou Lichtblau (2009) tende a deslocar o foco do discurso sobre a institucionalização. Soffer pergunta quais são as bases para a promoção da institucionalização. Pois, como Lichtblau percebeu, o foco somente na institucionalização tende a perder de vista o potencial de inovação da sociologia dessa época.

Esse potencial pode ser concebido de várias formas. Frente à diversidade de teorias, pode-se pensar na contribuição individual de cada sociólogo, questão que, quando se leva em conta o caráter não-paradigmático da sociologia, pode significar que leituras atuais de clássicos antigos ainda podem iluminar problemas da pesquisa sociológica atual. Também se pode pensar em termos do sucesso da disciplina, e nesse caso a sociologia britânica até a década de 1950 serve como exemplo de que determinadas crenças não-científicas que fazem parte da nossa “equação pessoal” (OPPENHEIMER, 1932) podem ter consequências nefastas para a produção sociológica e sua legitimidade.

A partir dessa história também se pode pensar no quanto a influência das ideias sociológicas sobre âmbitos que ultrapassam o da produção acadêmica influenciam o próprio fazer científico, e que nesse sentido, que efeitos possíveis ela tem sobre a realidade. Embora a institucionalização da sociologia tenha estabelecido uma separação muito maior e mais forte entre os especialistas e os laicos (STÖLTING, 1986), o pesquisador pode sempre se colocar uma série de perguntas: até onde nossas explicações chegam? Elas efetivamente conseguem entender o mundo social? Elas podem iluminar as crises que caracterizam nossos objetos? E, frente ao contraexemplo que é a sociologia britânica, outra pergunta importante pode ser colocada: nossa posição específica, nossa reverência à tradição, ou seja, nossa equação

peçoal pode estar nos impedindo de enxergar corretamente os fatores que nos permitiriam fazer uma interpretação adequada do mundo social? Todas essas questões suscitadas pelo estudo da história da sociologia fazem parte do horizonte de qualquer pesquisa comprometida com a compreensão dos fatos, com a construção de teorias pertinentes e com um fazer sociológico reflexivo, objetivos comuns a toda a comunidade sociológica.

Referências

FREYER, H. *La sociologia ciencia de la realidad: Fundamentación lógica del sistema de la sociologia*. Trad. Francisco Ayala. Buenos Aires: Losada, 1944.

KRACAUER, S. *The salaried masses: duty and distraction in Weimar Germany*. Trad. Quintin Hoare. Londres: Verso, 1998.

LICHTBLAU, K. "Krise als Dauerzustand? Weltanschauliche Implikationen der Weimarer Soziologie", em KÖSTER, R.; PLUMPE, W.; SCHEFOLD, B.; SCHÖNHÄRL, K. (org.). *Das Ideal des schönen Lebens und die Wirklichkeit der Weimarer Republik: Vorstellungen von Staat und Gemeinschaft im George-Kreis*. Berlin: Akademie Verlag, 2009.

MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Trad. Emilio Willems. Porto Alegre: Globo, 1950.

_____. *Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge*. Trad. Louis Wirth e Edward Shils. New York: Harcourt, Brace & co., 1954.

_____. German Sociology (1918-1933). In: Mannheim, K. *Essays on sociology and social psychology*. London: Routledge & Kegan Paul, 1953.

MÜLDER-BACH, I. "Introduction", em KRACAUER, S. *The salaried masses: duty and distraction in Weimar Germany*. Trad. Quintin Hoare. Londres: Verso, 1998.

NOGUEIRA, A. "V. Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico". *Análise Social*, vol. XXXVIII (169), pp. 1125-1151, 2004.

OPPENHEIMER, F. "Tendencies in recent German sociology". *Sociological Review*, vol. 24, n. 1, 1932. <<http://www.franz-oppenheimer.de/fo32a.htm>> Acesso em: 20.03.2012.

SCHÜTZ, A. *The Phenomenology of the social world*. Trad. George Walsh e Frederick Lehnert. Evanston: Northwestern University Press, 1984.

SOFFER, R. N. "Why Do Disciplines Fail? The Strange Case of British Sociology". *The English Historical Review*, Vol. 97, No. 385, pp. 767-802. Oxford: Oxford University Press, out. 1982. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/568786>>. Acesso em: 24.03.2012

SOMBART, W. *El apogeu del capitalismo II*. México: Fondo de Cultura Economica, 1946.

STÖLTING, E. *Akademische Soziologie in der Weimarer Republik*. Berlin: Duncker und Humblot, 1986.

WOLLMANN, H. "Soziologie zwischen Kaiserreich, Weimarer Republik und NS-Regime", em TENORTH, H.-E. (org.), *Geschichte der Universität Unter den Linden 1810-2010*, Bd. 5, Akademie-Verlag, 2010. <<http://amor.cms.hu-berlin.de/~h0598bce/docs/HW-2010-Kaiserreich-Weimar-NS.pdf>> Acesso em: 29.06.2012

Recebido em 03-07-2017;
Revisado em 17-04-2018;
Publicação em 15-12-2018.